



Um diálogo entre a Etnoveterinária e a Agroecologia: análise da relação de camponeses(as) com a criação de bovinos em assentamentos rurais no estado de Pernambuco

A dialogue between Ethnoveterinary and Agroecology: analysis of the relationship between peasants and cattle farming in rural settlements in the state of Pernambuco

Sebastião André Barbosa Júnior, Mestre, UFRPE, sebastiaoandre.jr@hotmail.com;
Clara Almeida de Albuquerque, Graduanda, UFRPE, lara.albuquerque.96@gmail.com;
Manoel Aleixo Batista Neto, Graduando, UFRPE, manoelaleixo96@hotmail.com;
Janaína da Silva Ferreira, Graduanda, UFRPE, janinaferreiravet@gmail.com;
Aderaldo Alexandrino de Freitas, Doutor, UFRPE, aderaldo.doscariris@gmail.com;
Huber Rizzo, Doutor, UFRPE, hubervet@gmail.com.

Resumo

Objetivou-se com este estudo compreender a relação dos(as) camponeses(as) com a criação de bovinos em assentamentos rurais de Pernambuco. A pesquisa desenvolveu-se em três assentamentos: Chico Mendes III, Mato Grosso e Serra Grande. Utilizaram-se três instrumentos metodológicos para a realização do estudo: grupo focal, entrevista semiestruturada e a observação participante. O estudo foi iniciado por meio de um grupo focal em cada assentamento, tendo como base a técnica do fluxo produtivo. Em seguida, realizaram-se 22 entrevistas com informantes qualificados dos três territórios. A observação participante foi desenvolvida no momento da visita à unidade produtiva de cada assentado(a) para a entrevista. Os(as) camponeses(as) mostraram uma forte ligação com a criação de bovinos, sendo essas experiências iniciadas em momentos anteriores aos assentamentos. Os dois principais motivos da criação foram a renda e afeto pelos animais. O bovino tem um significado econômico muito importante para os Assentamentos Rurais, levando dessa forma a vários relatos de furtos de animais. O trabalho com os bovinos se mostrou árduo e masculino, com algumas experiências envolvendo as camponesas. A criação de bovinos é relevante e presente nos territórios da Reforma Agrária do bioma Mata Atlântica de Pernambuco.

Palavras-chave

Agricultura Familiar. Agroecologia. Campesinato. Criação Animal. Saberes populares.

Abstract

This study sought to understand peasants' relationship with cattle production in rural settlements of Pernambuco state, Brazil. Research was conducted in three settlements: Chico Mendes III, Mato Grosso and Serra Grande. Three methodological instruments were used in this study: a focus group inquiry, semi-structured interviews and participant observation. The study started with focus group inquiries in each settlement based on the production flow technique. Next, 22 interviews were conducted with qualified informants from each of the three territories. Participant observation was done during visits to conduct interviews on settlers' farms. Peasant farmers showed a strong connection to raising cattle, where these practices predate the settlements themselves. Informants identified two main reasons for working with cattle: to earn income and affection for the animals. Cattle is economically significant within the settlement, thus leading to several reports of animal theft. Work with the cattle proved to be arduous and carried out within the masculine domain, with some experiences involving peasant women. We thus conclude that cattle production is a relevant activity and very much present in the agrarian reform territories of the Atlantic Forest biome of Pernambuco state.

Keywords

Agroecology. Animal farming. Family farming. Peasants. Local knowledge.

1. Introdução

Os animais no contexto da Agricultura familiar desempenham vários atributos, sendo relevante para a construção e conservação da biodiversidade do agroecossistema. A criação animal oferece fonte de alimentos para a família: ovos, carne, leite e derivados; ajuda na fertilidade do solo, com a ciclagem de nutrientes, servindo ainda como força de trabalho, segurança e poupança em médio e longo prazo. A relação do campesinato com os animais apresenta uma complexidade de significados, envolvendo prazer, paixão, beleza, solidão, economia, trabalho, transporte, o lúdico, segurança, lazer e subsistência, além da potencialidade de contribuição para o processo de transição agroecológica (JALFIM, 2008; TOSETTO; CARDOSO; FURTADO, 2013; BARBOSA JUNIOR, 2013).

Segundo o censo agropecuário de 2006, a primeira pesquisa oficial do país que categorizou variáveis sobre a agricultura familiar, a criação de bovinos é o segmento pecuário mais desenvolvido no país, estando presente em mais de 50% dos estabelecimentos. Este censo permitiu identificar com dados oficiais a importante ligação da criação de bovinos com a Agricultura Familiar, no qual 80,5% dos estabelecimentos que desenvolvem essa criação foram caracterizados como tal, com destaque para a região Nordeste, que deteve a presença de 38,7% desse tipo de produção. A bovinocultura familiar contribuiu com mais de 40% do rebanho de bovinos no país. Com relação à bovinocultura de leite, a produção de base familiar foi verificada em mais de 80% dos estabelecimentos, contribuindo com 58% do total da produção (IBGE, 2009).

Os territórios de Reforma Agrária têm grande contribuição para a Agricultura Familiar. De acordo com o Relatório Data Luta de 2017, existem 9.451 Assentamentos Rurais no Brasil, com 1.120.975 famílias. O Nordeste é a região com maior número de assentamentos, 4.330 (45%), quase a metade dos assentamentos do país. Ainda de acordo com o documento, o estado de Pernambuco tem 608 Assentamentos Rurais, com 35.618 famílias (GIRARDI, 2018). A criação de bovinos também desempenha papel importante nas áreas de Assentamentos Rurais. De acordo com Ferreira, Silva e Antuniassi (1999) sistematizando dados referentes ao I Censo da Reforma Agrária, foi verificada a relevância da criação de bovinos, sendo desenvolvida por 91,13% das famílias

entrevistadas. No Rio de Janeiro, em Cachoeiras do Macacu, Paixão (2000) realizou um estudo de caso em um assentamento, destacando o papel da bovinocultura, sendo o segmento agropecuário de maior crescimento na comunidade nos últimos anos. Leite *et al.* (2004) realizaram uma pesquisa em assentamentos das cinco regiões do país, mostrando a presença da criação animal na maioria deles, com destaque para os ruminantes, no qual os bovinos foram identificados em quatro das cinco regiões trabalhadas. Em estudo realizado em um Assentamento Rural da Região Metropolitana do Recife, Barbosa Junior (2013) relatou a importância da criação de bovinos no contexto familiar do assentamento. No estado de Mato Grosso, Ribeiro (2016), realizou um estudo de caracterização da produção animal em quatro assentamentos, e destacou o papel da criação de bovinos, principalmente a produção destinada à carne, que ocupou o primeiro lugar, e a criação leiteira, que ficou em terceiro lugar dentre as criações estudadas.

Pode-se perceber a importância da criação de bovinos em contextos da agricultura familiar e de assentamentos rurais. Essa estreita ligação do(a) camponês(a) com o bovino foi construída com o passar do tempo, por meio do trabalho e da estreita relação do ser humano com a natureza, o que contribui para que se desenvolvessem conhecimentos baseados em práticas e observações na lida direta, manejos e cuidado com seus animais. Essa lida e cuidado do ser humano com os animais, baseado nas sabedorias tradicionais e populares, envolvem a área de interesse da Etnoveterinária. Almeida *et al.* (2006) e Monteiro (2010), abordam a Etnoveterinária como o uso de saberes, práticas, habilidades e crenças populares para prevenção ou tratamento de doenças que acometem os animais. Partindo da inquietação que Barbosa Junior (2013) traz sobre a construção de uma Medicina Veterinária pautada na saúde ao invés de apenas curativa, propomos uma Etnoveterinária baseada na argumentação de McCorkle (1986), que se refere a esse conceito de uma forma complexa, abordando todas as etapas diretas ou indiretas da lida com os animais, envolvendo todos os manejos, sanidade e aspectos mágico-religiosos. Para esse autor, a Etnoveterinária consiste em uma investigação sistemática e aplicação prática dos saberes populares, em uma visão holística e interdisciplinar, na qual os sistemas de produção animal seriam abordados nos seus aspectos históricos, socioeconômicos, culturais, ecológicos e políticos.

Para o diálogo com a perspectiva mais ampla da Etnoveterinária, trazemos a Agroecologia, que de acordo com Caporal (2015) é um enfoque científico multidisciplinar que oferece perspectivas teóricas e metodológicas para subsidiar a transição de um modelo de agricultura tradicional e insustentável para um modelo de agricultura sustentável, buscando a construção de saberes socioambientais que fortaleçam esse processo. Justamente a partir da construção de tais saberes, que a Agroecologia tem como um de seus princípios, a consideração pelo potencial endógeno dos territórios. Daí a importância do resgate e sistematização dos saberes e experiências de agricultores(as) familiares e demais povos tradicionais, que constituem um elemento fundamental no processo de transição agroecológica e desenvolvimento rural sustentável (CAPORAL; COSTABEBER; PAULUS, 2011; CAPORAL, 2015). Para fortalecer a importante relação dos saberes tradicionais e populares com a Agroecologia, traz-se a argumentação de Toledo e Barrera-Bassols (2015) ao afirmarem que o reconhecimento e fortalecimento dos saberes tradicionais são de extrema importância para a resistência contra modelos de produção baseados nos princípios do agronegócio, além de ser fundamental para a construção e implantação de sistemas produtivos de base agroecológica.

Partindo de uma Etnoveterinária que seja mais ampla que a cura de doenças, tendo uma perspectiva nas diversas práticas, relação e saberes populares dos(as) criadores(as) com os animais e o meio em que vivem para uma contribuição no sentido da construção da saúde, objetivou-se com este estudo compreender a relação de assentados(as) com a criação de bovinos no contexto de Assentamentos Rurais em territórios pertencentes ao bioma Mata Atlântica no estado de Pernambuco por meio dos princípios da Agroecologia.

2. Metodologia

2.1 Desenho do estudo

Este estudo é do tipo descritivo com abordagem qualitativa, sendo realizado no período de dezembro de 2018 a novembro de 2019. Desenvolveu-se pelo diálogo e participação de camponeses(as) criadores(as) de bovinos a partir de três instrumentos metodológicos: o grupo focal, com auxílio de uma técnica do Diagnóstico Rural

Um diálogo entre a Etnoveterinária e a Agroecologia: análise da relação de camponeses(as) com a criação de bovinos em assentamentos rurais no estado de Pernambuco

Participativo (DRP), o fluxo produtivo; entrevistas semiestruturadas; e a observação participante (FARIA; FERREIRA NETO, 2006; VERDEJO, 2007; MINAYO, 2016).

2.2 Local de Estudo

Os Assentamentos Rurais foram selecionados previamente por uma amostragem de conveniência (THRUSFIELD, 2004), considerando-se os fatores: localização na Região Metropolitana do Recife ou próxima a esta; contato prévio com lideranças sindicais, presidentes(as) de associações, assentadas(os) etc.; interesse por parte da associação do assentamento e assentados(as) em participar do estudo; e presença da criação de bovinos nos territórios.

Baseado nessas condições, o estudo foi realizado em três assentamentos rurais da Reforma Agrária no estado de Pernambuco: Assentamento Chico Mendes III, localizado na divisa dos municípios de São Lourenço da Mata e Paudalho; Assentamento Mato Grosso, no município de Moreno; e o Assentamento Serra Grande, na cidade de Vitória de Santo Antão. Todos os assentamentos rurais estão localizados em territórios constituídos do bioma Mata Atlântica.

2.3 Participantes do Estudo

Em cada um dos três assentamentos rurais, articulou-se um grupo de trabalho com os(as) assentados(as) criadores(as) para a realização da coleta de dados em grupo. Em seguida procedeu-se a seleção de informantes qualificados, ou seja, na avaliação do próprio grupo de trabalho, os assentados com mais experiência em criação para as coletas de dados individuais e observação participante (MONTEIRO; BEVILAQUA; CAMURÇA-VASCONCELOS, 2011).

2.4 Instrumentos de coleta de dados

a) Grupo Focal

A técnica do grupo focal de maneira objetiva se constitui de uma entrevista em grupo, ou seja, é uma reunião realizada com os participantes do estudo, com o intuito de

aprofundar o tema da pesquisa no coletivo, conhecendo mais detalhes, consensos, diferenças e situações específicas que a análise de forma coletiva pode qualificar, subsidiando dessa forma os dados coletados com instrumentos individuais, como as entrevistas (MINAYO, 2016).

Para subsidiar a realização do grupo focal foi escolhido como roteiro, o fluxo produtivo, que é uma das diversas técnicas que faz parte do DRP. O fluxo produtivo é construído de maneira participativa através de um fluxograma, que retrata graficamente o processo produtivo em determinado território. Envolve as diferentes formas de uso dos espaços, as diferentes etapas de produção e as relações históricas, sociais e ambientais nesse contexto. Para o presente estudo, deu-se enfoque ao trabalho e processo produtivo envolvendo a criação de bovinos (FARIA; FERREIRA NETO, 2006; VERDEJO, 2007).

As dinâmicas do grupo focal desenvolveram-se em reuniões, sendo realizada uma em cada assentamento na sede das associações, com os respectivos grupos de trabalho, em uma duração média de duas horas. No total, participaram 38 pessoas dos três grupos focais, sendo dezoito no Chico Mendes III, doze em Mato Grosso e oito em Serra Grande. Cada grupo focal recebeu um código de identificação: grupo focal do Assentamento Chico Mendes III (GF1); grupo focal do Assentamento Mato Grosso (GF2); e grupo focal do Assentamento Serra Grande (GF3).

b) Entrevista

O modelo de entrevista desenvolvida foi a semiestruturada, que se caracteriza pela constituição de perguntas abertas, mas direcionada para algum contexto, na qual se tem a possibilidade de uma resposta sem a necessidade de se encaixar em alternativas prontas (MINAYO, 2016). O roteiro da entrevista constituiu-se de perguntas baseadas na origem das experiências de criadores(as) com os bovinos, de detalhes sobre o modo de criação e a rotina de trabalho, de peculiaridades sobre o papel da mulher na criação de bovinos, sobre os conhecimentos populares acerca do cuidado com a saúde dos animais e os principais desafios da criação de bovinos nos assentamentos rurais. As entrevistas foram realizadas em visitas às unidades produtivas de cada assentado(a) criador(a).

Foram realizadas um total de 22 entrevistas com os informantes qualificados, sendo dez em Chico Mendes III, sete em Mato Grosso e cinco em Serra Grande. As

entrevistas receberam um código dessa forma: Assentamento Chico Mendes III (E1 a E10), Assentamento Mato Grosso (E11 a E17) e o Assentamento Serra Grande (E18 a E22).

c) Observação participante

A observação participante é um instrumento que permite ao pesquisador observar e analisar cientificamente uma determinada situação social, possibilitando uma melhor compreensão da realidade. O observador (pesquisador) fica diretamente ligado ao cotidiano do território de sua investigação, tendo a oportunidade de perceber mais detalhadamente situações abordadas superficialmente com outros instrumentos e também identificar temáticas relevantes que não foram abordadas (MINAYO, 2016).

O processo de observação foi realizado desde o primeiro encontro para a articulação e realização do grupo focal com as lideranças das associações, reunião para a apresentação e anuência do estudo junto aos(as) criadores(as), mas teve como principal momento de análise a visita às unidades produtivas, tanto para realização das entrevistas, como em visita para articulação, conversas e orientações sobre a criação de maneira geral. Em cada visita, com marcação prévia, foram realizadas idas aos locais onde os animais ficavam, para observação *in loco* de aspectos sobre o cotidiano, relacionamento e manejos dos(as) criadores(as) com seus animais, os sentimentos, significados e funções demonstrados, dentre outras situações que chamassem a atenção, e pudessem subsidiar a compreensão da relação.

2.5 Análise dos dados

O grupo focal foi desenvolvido em cada assentamento por três pesquisadores, um responsável por facilitar e conduzir o fluxo produtivo, e dois responsáveis pelo processo de sistematização. Então, mais do que o desenho e estrutura final do fluxograma, os sistematizadores foram responsáveis por registrar situações como reações das pessoas, consensos, diferenças, contradições, e maiores detalhes das informações registradas no fluxograma. As sistematizações foram analisadas junto com os desenhos finais dos fluxogramas, produzindo-se um relatório sobre a criação de bovinos de cada assentamento (FARIA; FERREIRA NETO, 2006; VERDEJO, 2007).

Os dados obtidos com as entrevistas foram transferidos para um banco de dados desenvolvido com auxílio do programa Microsoft Excel 2010®. Os dados foram analisados de forma descritiva, sendo sistematizados em aspectos próximos ou comuns a partir das respostas dos(as) camponeses(as) criadores(as), da mesma forma o registro das falas mais representativas dos(as) criadores(as) sobre tais aspectos (MINAYO, 2016).

Para a sistematização dos dados coletados com a observação participante, foi elaborado um Diário de Campo no formato eletrônico, com o registro de cada visita no Microsoft Word 2010® como ferramenta de cunho descritivo e reflexivo sobre as situações vivenciadas (MINAYO, 2016).

Utilizaram-se os dados obtidos pelos instrumentos de coleta para sistematizar aspectos relacionados às seguintes características: a) Origem e significado da relação dos(as) camponeses(as) com a criação de bovinos; b) Modo de criação e o trabalho com os bovinos; c) As mulheres e a criação de bovinos; d) Os saberes populares no cuidado dos bovinos; e) Principais desafios da criação de bovinos em Assentamentos Rurais. Para cada tópico foram selecionados os dados de maior relevância nas três técnicas de coleta e organizados de maneira descritiva em planilhas com auxílio do Microsoft Excel 2010®.

2.6 Considerações éticas

O estudo obedeceu à Resolução nº 466, de 12 de outubro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde (CNS/MS), que trata da regulamentação de pesquisas que envolvam seres humanos. Dessa maneira, o presente artigo resulta de um projeto de pesquisa que foi analisado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade de Pernambuco (CEP/UPE) e aprovado com parecer consubstanciado de nº 3.041.742/2018.

3. Resultados e discussão

3.1 Origem e significado da relação dos(as) camponeses(as) com a criação de bovinos

A grande maioria dos(as) criadores(as) já tem uma história, uma ligação com a terra, desde antes de se tornar assentado(a). Muitos deles(as) eram trabalhadores rurais das usinas de cana-de-açúcar, trabalhavam em fazendas ou vieram de outros

acampamentos, assentamentos etc., o que possibilito que essas pessoas já tivessem contato com a criação animal. Essas experiências com pais, avós, tios, parentes e amigos com a criação de bovinos traz um tom de saudosismo e emoção, como diz uma agricultora “Aprendi desde nova a mexer com os bichos. Meu pai e minha mãe criavam vários animais e também o boi. Então desde aquela época sempre tinha que ter um boi e uma vaca no terreiro!” (E5). No Rio Grande do Sul, na Região das Campanhas, pecuaristas familiares tem um sentimento semelhante relacionado com os bovinos, como mostra o estudo de Ribeiro (2009), no qual o autor descreve como se fosse uma “relação umbilical”, dado a importância histórica e cultural da bovinocultura na região dos pampas.

As pessoas assentadas que gostam de criar animais têm uma forte ligação com os bovinos. Dentre os vários motivos para elas criarem bovinos, estão questões ligadas à renda, ao próprio gostar, a ciclagem de nutrientes na unidade produtiva, à solidão, à sobrevivência, e ainda com a perspectiva de luta pela terra e permanência nela. O principal motivo para à criação dos bovinos foi a questão da renda, o que pode ser resumida na seguinte fala:

“É com os bovinos que podemos ter um maior lucro na parcela. A gente compra ele por 1.000, 1.500, e dobra quando vai vender, a gente vende por 2.000, 3.000, até mais! Isso dentro de um ano e meio, no máximo dois anos” (E6).

O sentido do gostar também foi muito expressado, e pode ser notado quando o assentado diz: “A gente que gosta de criar, sempre tem um boi na parcela. A gente vende um, vende dois, compra mais outros e assim vai... só não posso chegar e ver minha cocheira e pasto vazios” (E4). A ciclagem de nutrientes foi percebida no argumento: “Os bois são muito importante pra minha parcela, por fornecer o adubo para o meu roçado, tanto é que minha cocheira fica na parte de cima e as hortaliças embaixo!” (E22), como se observa na Figura 1.

Figura 1 - Unidade produtiva com a presença de uma coqueira na parte superior, uma horta logo abaixo e uma vaca com um bezerro próximo: Assentamento Serra Grande, Vitória de Santo Antão, PE.



Fonte: Arquivo pessoal.

No contexto de solidão e sobrevivência, um casal de assentados idosos que vivia sozinho na unidade produtiva relatou: “Os bois são nossos amigos, nossas companhias! Sem o boi aqui na parcela, nós vamos ficar muito parados e enferrujar, daí a morte vem e chama a gente!” (E16). Sobre a questão envolvendo a luta pela terra e sua permanência nela, um assentado disse: “Você ter uma terrinha, ainda mais a gente aqui em terras do INCRA, tem que ter um roçado e criar um gado!” (E2).

Ribeiro (2009) argumenta que o principal sentimento dos pecuaristas familiares, na região do Pampa Gaúcho, em relação aos bovinos é o de afeto, ficando a questão econômica em segundo lugar. Para eles, o animal representa uma reserva econômica, uma poupança. O autor cita ainda que segundo os criadores as negociações ocorrem de maneira eventual em períodos mais escassos de recursos. Paixão (2000) em estudo com assentados do Rio de Janeiro relata que a questão econômica ou de renda foi o principal motivo para início e desenvolvimento da criação, como dito por um criador em seu estudo: “Porque o boi dá negócio!” Outra função não citada em nosso estudo sobre a criação de bovinos foi encontrada por Freire *et al.* (2009), trabalhando com uma família camponesa do semiárido paraibano, a do trabalho. Os autores trazem alguns detalhes sobre a importância dos chamados “bois de trabalho” para a unidade produtiva, que

servem como boi de carro, transportando água, pessoas, instrumentos e produtos agrícolas, e também para o preparo das terras e plantio dos roçados.

3.2 Modo de criação e o trabalho com os bovinos

A principal forma de criação dos bovinos baseia-se no sistema semi-intensivo, processo no qual os animais passam parte do dia em pastos e outra parte nas instalações. No contexto dos assentamentos ocorre com os animais ficando nos pastos durante o dia e colocados na cocheira para passar a noite. Para os(as) assentados(as) criadores(as) essa condição faz com que o trabalho com os bovinos seja a primeira atividade do dia. Ainda de madrugada, em torno de quatro e meia, cinco horas da manhã, os(as) criadores(as) vão para as cocheiras para organizar seus animais e levá-los para o pasto ou cercados. Sobre o sistema de criação de bovinos em contextos de assentamentos rurais ou da agricultura familiar, o modelo mais utilizado é o extensivo, como visto nos estudos de Paixão (2000), Ribeiro (2009) e Malanski e Ferreira (2014). A criação sob o modelo semi-intensivo só foi descrita no estudo de Freire *et al.* (2009).

A grande maioria dos(as) criadores(as) leva seus animais para pastos em áreas coletivas ou para as próprias parcelas. Geralmente são áreas de brejo, constituídas pelo capim Braquiária (*Brachiaria sp.*), com algumas exceções para áreas com o capim elefante (*Pennisetum purpureum*) e o colômbio (*Panicum maximum*). Em estudo de caso realizado por Malanski e Ferreira (2014), em uma unidade produtiva de um assentamento em São Domingos do Araguaia, PA, também eram utilizadas gramíneas do gênero *Brachiaria* e uma variedade do *Panicum maximum* na composição dos piquetes.

Existem outras duas situações, uma na qual os animais permaneciam em cercados na própria unidade produtiva ou em áreas cedidas por outros(as) assentados(as), como visto na Figura 2, e ainda outra condição de manejo mais próxima ao sistema intensivo, sendo citada no período de desmame de animais jovens de oito a dez meses, em que esses bezerros permanecem todo o dia na cocheira ou em pequenos cercados ao lado dessa (Figura 3).

Um diálogo entre a Etnoveterinária e a Agroecologia: análise da relação de camponeses(as) com a criação de bovinos em assentamentos rurais no estado de Pernambuco

Figura 2 - Agricultor com seus bovinos soltos no cercado em sua unidade produtiva: Assentamento Mato Grosso, Moreno, PE.



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 3 - Bezerros em modelos de criação semelhante ao intensivo: Assentamento Serra Grande, Vitória de Santo Antão, PE.



Fonte: Arquivo pessoal.

Quando os animais eram postos nas áreas coletivas ou em pastos sem cerca, ficavam amarrados com uma corda de cerca de 10 a 15 metros, e quando pastavam nos cercados, ficavam soltos sem corda, pois a área era geralmente totalmente cercada. Percebeu-se que o manejo dos animais com a corda os deixava mais dóceis, enquanto os animais que viviam soltos nos cercados eram mais ariscos e difíceis de manejar. Em raros relatos, afirmaram a utilização do pastoreio dos animais em áreas cedidas ou coletivas, e até mesmo áreas fora dos assentamentos, na qual o criador vai montado num cavalo ou

Um diálogo entre a Etnoveterinária e a Agroecologia: análise da relação de camponeses(as) com a criação de bovinos em assentamentos rurais no estado de Pernambuco

burro levar, vigiar e retornar com os bovinos. O pastoreio se faz nos períodos de maior escassez de forragens (novembro a fevereiro) e é realizado no turno da tarde, pois nas situações que estão realizando esse manejo, reservam o turno da manhã para outras atividades na unidade produtiva.

Ao terminar de amarrar ou soltar os animais nos pastos ou cercados, os(as) criadores(as) todos os dias ou em dias alternados tiram capim para fornecer, à noite, aos animais na cocheira. Esse é um trabalho bastante duro, assim como a lida direta com os bovinos, pois muitos criadores não tem capineira em sua unidade, e percorrem quilômetros, muitas vezes vão até fora dos assentamentos para conseguir capim, que em sua maioria é o braquiária. Para auxiliar nessa atividade os criadores(as) utilizavam algumas estratégias como equídeos, carro de mão, bicicletas e um criador utilizava uma moto nessa atividade. Quem tem capineiras tem maior facilidade e controle sobre o manejo alimentar e utilizam principalmente o capim elefante. Logo que termina de apanhar o capim, por volta das 8h30, o(a) criador(a) vai para casa tomar o café da manhã e descansar um pouco, em seguida vai para o roçado cuidar da plantação. Os(as) criadores(as) que manejam os animais com cordas, antes de ir almoçar, entre as 11h e 11h30, fazem a “muda” dos bovinos, ou seja, põem água e os amarra em outro lugar (Figura 4).

Figura 4 - Agricultor realizando a “muda” de seu animal: Assentamento Chico Mendes III, São Lourenço da Mata e Paudalho, PE.



Fonte: Arquivo pessoal.

A lida com os bovinos é a primeira e a última atividade do dia na rotina do(a) assentado(a). De tardezinha, por volta das 17 horas, os(as) criadores(as) vão buscar seus animais nos pastos ou cercados para trazer para as cocheiras, onde já se encontra preparada uma “ração de capim no cocho” (E2) para os bichos (Figura 5). As cocheiras foram construídas sempre com a maior proximidade possível da casa do(a) criador(a) em razão da importância econômica dos bovinos.

Figura 5 - Bovinos comendo capim dentro da cocheira de um assentado criador: Assentamento Chico Mendes III, São Lourenço da Mata e Paudalho, PE.



Fonte: Arquivo pessoal.

3.3 As mulheres e a criação de bovinos

Pouquíssimos foram os registros de mulheres trabalhando com a criação de bovinos. Identificaram-se três perspectivas diferentes: a primeira é o da mulher que vive sozinha em sua unidade e é responsável por todas as atividades, a segunda é a mulher que tem seu cônjuge com limites de saúde e acaba assumindo a responsabilidade do trabalho produtivo da parcela, do trabalho doméstico e cuidados com seu companheiro, e a terceira é o da mulher que divide as atividades produtivas com o seu companheiro, desse modo, envolve-se com a criação de bovinos.

Um dos principais fatos sugeridos por criadores(as) para a criação de bovinos ser uma atividade, na maioria masculina, é a questão da força física, pois relatam a lida difícil com os animais, assim como a dureza com a atividade de apanhar capim e demais manejos. Na realidade, o que há por trás dessa argumentação de trabalho pesado, é uma construção machista, pois quando se perguntavam questões sobre o manejo e quem

Um diálogo entre a Etnoveterinária e a Agroecologia: análise da relação de camponeses(as) com a criação de bovinos em assentamentos rurais no estado de Pernambuco

cuidava dos animais, muitos argumentos foram no sentido de desvalorização e simplificação do papel da mulher, restrito ao trabalho doméstico, como dito em um grupo focal: “Oxe...! E a mulher pode com um boi? Ela aguenta tirar capim? Ela tem que tá é cuidando de casa, no máximo no terreiro...” (GF2).

Provando o contrário, as mulheres que criam bovinos têm maior intimidade e cuidado com os animais, além de realizar com a mesma destreza ou ainda melhor, todo o trabalho físico, como visto nas Figuras 6 e 7, uma assentada retornando com capim para seus animais, com auxílio de uma égua e outra realizando o manejo da “muda”, conduzindo e amarrando os animais em outra parte do pasto, respectivamente.

Figura 6 - Assentada criadêra vindo com o capim em sua égua para a sua unidade produtiva: Assentamento Chico Mendes III, São Lourenço da Mata e Paudalho, PE.



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 7 - Assentada criadora realizando o manejo da “muda” de seus animais no pasto: Assentamento Chico Mendes III, São Lourenço da Mata e Paudalho, PE.



Fonte: Arquivo pessoal.

Na grande maioria das unidades produtivas, os(as) criadores(as) têm uma estreita relação com seus animais, mas em todas as unidades produtivas que a mulher era responsável ou ajudava seus companheiros, os bovinos tinham nomes e tinham um comportamento era mais dócil. As mulheres durante todo o manejo com os animais ficam fazendo carinho, conversando, cantando e até fazendo orações perto dos bois e vacas. Para exemplificar essa relação, vejamos o que uma criadora evangélica disse:

“Ah... todo dia de manhã que chego à cocheira, tenho que abraçar, conversar e cantar para meus bichinhos...eles ficam tão felizes! Ficam olhando pra mim e mexendo as orelhas. Também sempre procuro orar a Deus quando deixo meus bichos no cercado e quando trago eles para a cocheira, pedindo e agradecendo por eles” (E1).

Torres e Rodrigues (2010) argumentam que apesar do trabalho da mulher no contexto da agricultura envolver várias atividades domésticas e produtivas, é percebido apenas como uma ajuda na unidade produtiva, sendo visto como um apêndice, ficando seu trabalho submisso ao trabalho do homem. A mulher acaba ficando responsável pelo trabalho da casa e de sua proximidade, com isso desenvolve atividades em roçados, hortas, e cuida dos animais que ficam próximos a moradia, principalmente os de pequeno e médio porte, como aves, caprinos, ovinos e suínos. Em outro estudo, com agricultoras familiares do Rio Grande do Sul, foi relatada a experiência com a bovinocultura de leite, sendo a criação de responsabilidade das agricultoras até o momento que se desenvolve e atinge um patamar importante na renda da família, a partir daí passa a ser de responsabilidade dos homens (CASTILHO E SILVA; SCHNEIDER, 2010).

De acordo com Oliveira e Almeida (2010) cabe a Agricultura Familiar construir um modelo sustentável de agricultura que extrapole as questões econômicas e produtivas para o(a) pequeno e médio agricultor(a), enfrentando as estruturas sociais impostas pela sociedade capitalista e o agronegócio. Construindo e propondo dessa forma, desde o interior da unidade produtiva até todo o sistema de produção agroecológico, relações sociais contrárias às opressões, seja ela de classe, raça, gênero, ou de qualquer outro tipo.

3.4 Os saberes populares no cuidado dos bovinos

Com relação a argumentação e experiências envolvendo a saúde dos animais, foi identificado uma perspectiva em sentido da doença. A concepção de saúde entre assentados(as) reduzia-se à questão da ausência de doenças como visto na argumentação do grupo focal: “Ah... os bichos da gente são todos saudáveis, de vez em quando tem um problema de verme e umas pragas de carrapatos, mas fora isso... muita saúde” (GF1). Somado a este fator, os conhecimentos com a utilização de plantas medicinais ou outras estratégias da sabedoria popular foram escassos, tendo grande importância a cultura biomédica e utilização de medicamentos alopáticos, como destacado por uma criadora: “Aqui eu não mexo mais com essas histórias de plantas não! O bicho adoeceu vou na casa de ração, falo com o veterinário e compro o remédio e pronto!” (E14). Conforme relatado, percebe-se o direcionamento das demandas de saúde dos bovinos indo, na grande maioria, às casas agropecuárias, onde não se realizam visitas para exames ou diagnósticos dos bovinos, apenas a venda dos medicamentos. Nesse sentido, Ribeiro (2009) relata uma situação próxima, na qual a área da bovinocultura que os pecuaristas familiares do Pampa Gaúcho apresentam uma maior dependência externa de insumos é relacionada a sanidade animal, ficando muito dependente do comércio no que se refere ao cuidado dos animais, principalmente com vacinas, antibióticos e vermífugos.

Dentre os poucos exemplos de trabalho com as plantas medicinais, destaca-se o uso do Capim Santo (*Cymbopogon citratus*), Erva Cidreira (*Melissa officinalis*) e sal de cozinha, para o tratamento de verminoses, como dito por um assentado:

“Aqui a gente pega e faz uma garrafada com os chás da erva cidreira e capim santo, com uma pitada de sal. Não tem remédio melhor quando o bicho tá na crise de verme, com aquela anemia, os pelos arrepiados e sem querer comer!” (E12).

Ainda a utilização do mel de abelha para feridas e problemas no casco, como destacado pelo criador: “Rapaz... não tem coisa melhor para essas feridas de casco e na pele do bicho como o mel de abelha! Você bota com dois dias os bichos já tão sarados!” (E19).

3.5 Principais desafios da criação de bovinos em Assentamentos Rurais

Três foram as situações citadas e observadas como limitantes ou desafios para a criação de bovinos nos Assentamentos Rurais: a sobrecarga do trabalho com os bovinos, o roubo de animais e a questão climática. O grande esforço físico para os manejos diretos e indiretos na lida da criação dos bovinos foi o principal obstáculo relatado por assentados(as). O manejo de levar os animais ao pasto e amarrá-los, o retorno deles para a cocheira, sempre empregando muita força para segurar as cordas, o trabalho também de tirar capim, carregando muito peso por grandes distâncias, resultam em problemas de saúde ligados a dores nos braços, ombros, articulações, nas costas, nas pernas, ou seja, é um trabalho que sobrecarrega todo o corpo. Então pessoas que estão criando reclamam e em determinadas situações ficam até sem conseguir trabalhar em consequência dessa sobrecarga, como desabafa um criador:

“A gente cria porque gosta de criar, porque tem dias que não aguento nem sair da cama direito de tanta dor nas juntas! Daí a gente pede pra companheira e os filhos ajudarem. Mas a gente toma uns remedinhos e depois ficamos novos!” (E8).

Há assentados(as) que não criam por serem idosos e não aguentar mais essas condições, e os mais jovens não querem submeter-se ao esforço exigido por esse trabalho. O aspecto árduo do trabalho na criação de bovinos também foi percebido por Paixão (2000, p.57), no qual um agricultor argumentando sobre pontos negativos sobre a bovinocultura diz: “É muito trabalhoso!”.

Problemas relacionados a segurança pública sempre são citados pelos(as) assentados(as) criadores(as). No contexto da criação de bovinos, este problema tem um grande impacto negativo, que se resume ao roubo de animais. O roubo de bovinos é uma situação muito relatada dentre os(as) criadores(as), sendo um fator limitante para o início da criação, como relatou um assentado: “Passei minha juventude toda criando boi com meu pai, tenho muita vontade de criar, mas quando vi meu pai e diversos criadores perderem seus bichos, não tenho confiança não...” (E20). Também é um limitante para o aumento e melhor estruturação das criações: “Tenho vontade de aumentar meu gado, melhorar minha cocheira, mas não faço não, tenho medo de olho grande, pois vão roubar

Um diálogo entre a Etnoveterinária e a Agroecologia: análise da relação de camponeses(as) com a criação de bovinos em assentamentos rurais no estado de Pernambuco

ligeiro. Quando os bichos da gente ficam bonitos, ou a gente vende, ou a gente perde!” (E11). Essa questão da violência é um motivo que tem relação com o modo de criação ser o semi-intensivo e as cocheiras ficarem próximas as moradias, justificado por um criador:

“Muitas vezes a gente tem um cercado, com um pasto bom, mas se a gente deixar o boi passar a noite no mato, o ‘dono’ vem e leva! E também temos que fazer a cocheira de lado da casa, porque se fizermos com dois palmas a mais o ladrão leva também!” (E11).

As mudanças climáticas nos territórios dos assentamentos estudados, Região Metropolitana do Recife e Zona da Mata, tendo como bioma, a Mata Atlântica, já começam a ser percebidas pelos(as) assentados(as) criadores(as). Muitos relatos se referem a quanto os períodos secos e chuvosos estarem perdendo a regularidade, estão ficando mais fortes, como no comentário da criadora: “Neste ano a gente teve um período de muitas chuvas, foi um lamaçal danado! Mas em compensação olha o verão como chegou quente! As cacimbas e açudes estão baixando, o capim já tá secando todinho...” (E3). Esse argumento mostra como a questão climática pode impactar a criação de bovinos, principalmente quando não se tem preparação para os períodos mais secos, levando os(as) criadores(as) a reduzir seus rebanhos nesses períodos, e até desfazê-los.

4. Conclusão

A relação de camponeses(as) com os bovinos iniciou-se antes da experiência com a criação nos assentamentos rurais, sendo cada vez mais intensificada, permanecendo até a atual realidade camponesa. O trabalho com o bovino se mostrou de grande importância na vida dos(as) assentados(as) envolvendo funções e significados relacionados com a renda, afeição, sobrevivência e luta e resistência pela terra. A criação de bovinos mostrou ser um trabalho muito duro e com interpretação machista, embora algumas mulheres tenham mostrado sua capacidade com a lida na criação. Os saberes populares voltados a utilização de plantas medicinais estão cada vez mais escassos, várias influências e concepções de saúde curativas e industrializadas estão gerando impactos negativos na manutenção e no diálogo dessa cultura e saber. Desse modo, ações de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER) aliadas a pesquisa, ensino e extensão das universidades

Um diálogo entre a Etnoveterinária e a Agroecologia: análise da relação de camponeses(as) com a criação de bovinos em assentamentos rurais no estado de Pernambuco

precisam ser realizadas para a valorização e sistematização de experiências entre agricultores(as) como perspectiva de manutenção desse saber. O bovino mostrou-se de grande validade econômica para a unidade produtiva do(a) camponês(a), tanto que um dos principais problemas na criação é o roubo de animais, uma realidade presente nos territórios do estudo. O(a) camponês(a) precisa começar a preparar sua unidade produtiva para a criação de bovinos pensando nos novos desafios que as questões climáticas vêm instaurando no bioma Mata Atlântica, principalmente questões ligadas a gestão da água e ao planejamento forrageiro.

Essas informações mostram alguns elementos da presença relevante da criação de bovinos para o campesinato no bioma Mata Atlântica no estado de Pernambuco. Mas também deixam algumas questões que precisam ser compreendidas como: a relação da criação de bovinos com a organização política, associativismo, cooperativismo etc.; se existe ou não políticas públicas voltadas para a ATER, a Assistência Social, Saúde Pública e Meio ambiente e sua relação com os(as) camponeses(as) e a criação animal; e as possíveis melhorias do planejamento e escoamento das produções ligadas a criação de bovinos, principalmente em relação às políticas públicas de aquisição de alimentos oriundos da Agricultura Familiar.

Agradecimentos

Aos camponeses e às camponesas, e às Associações de Agricultores(as) Familiares dos Assentamentos Rurais: Chico Mendes III, Mato Grosso e Serra Grande, o acolhimento e a participação na pesquisa. Também agradecemos a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), o fomento da bolsa de pesquisa de pós-graduação do primeiro autor.

Um diálogo entre a Etnoveterinária e a Agroecologia: análise da relação de camponeses(as) com a criação de bovinos em assentamentos rurais no estado de Pernambuco

Referências

ALMEIDA, Katyane de Souza; FREITAS, Fagner Luiz da Costa; PEREIRA, Tadeu Fladiner Costa. Etnoveterinária: a fitoterapia na visão do futuro profissional veterinário. **Revista Verde**. Mossoró – RN. v. 1, n. 1, p. 67-74, 2006.

BARBOSA JÚNIOR, Sebastião André. **A etnoveterinária no Assentamento Chico Mendes III**: as relações dos camponeses e camponesas com os animais. 2013. 52f. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Medicina Veterinária) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE, 2013.

CAPORAL, Francisco Roberto; COSTABEBER, José Antônio; PAULUS, Gervásio. Agroecologia: matriz disciplinar ou novo paradigma para o desenvolvimento rural sustentável. In: CAPORAL, Francisco Roberto; AZEVEDO, Edísio Oliveira de. (orgs.) **Princípios e Perspectivas da Agroecologia**. Paraná: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná, 2011. Cap.2, p. 45-80.

CAPORAL, Francisco Roberto. Agroecologia. In: CAPORAL, Francisco Roberto (Coord.). **Extensão Rural e Agroecologia**: para um novo desenvolvimento rural, necessário e possível. Recife: Ed. do Autor, 2015. Cap.3, p.277-426.

CASTILHO E SILVA, Carolina Braz de; SCHNEIDER, Sergio. Gênero, Trabalho Rural e Pluriatividade. In: SCOTT, Parry; CORDEIRO, Rosineide; MENEZES, Marilda (Orgs.). **Gênero e Geração em Contextos Rurais**. Santa Catarina: Editora Mulheres, 2010. p.185-209.

FARIA, Andréia Alice da Cunha; FERREIRA NETO, Paulo Sérgio. **Ferramentas de diálogo**: qualificando as técnicas do uso do DRP (Diagnóstico Rural Participativo). Brasília: MMA; IEP, 2006. 76p.

FERREIRA, Angêla Duarte; SILVA, Claudia Pereira da; ANTUNIASSI, Maria Helena Rocha. Assentamentos Rurais e Reforma Agrária no Brasil: Organização da Produção Agrícola, Condições de Vida e Sustentabilidade. **Cadernos CERU**, v.2, n. 10, p. 135-172, 1999.

FREIRE, Adriana Galvão; SILVEIRA, Luciano; MELO, Marilene Nascimento; NOGUEIRA, Francisco. No inverno a gente planta, no verão a gente cria. **Agriculturas**, v.6, n.2, p.7-14, 2009.

GIRARDI, Eduardo Paulon. (Coordenador Geral). **DATALUTA - Banco de Dados da Luta pela Terra**: Relatório Brasil 2017. Presidente Prudente: Rede DATALUTA, 2018.72p.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Agropecuário 2006**: Brasil, Grandes Regiões e Unidades da Federação. Rio de Janeiro: Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2009.

Um diálogo entre a Etnoveterinária e a Agroecologia: análise da relação de camponeses(as) com a criação de bovinos em assentamentos rurais no estado de Pernambuco

776p.

JALFIM, Felipe Tenório. **Agroecologia e agricultura familiar em tempos de globalização: o caso dos sistemas tradicionais de criação de aves no semiárido brasileiro**. Recife: Ed. do autor, 2008. 160p.

LEITE, Sergio; HEREDIA, Beatriz; MEDEIROS, Leonilde; PALMEIRA, Moacir; CINTRÃO, Rosângela. **Impacto dos Assentamentos: um estudo sobre o meio rural brasileiro**. São Paulo: Editora UNESP, 2004. 391p.

MALANSKI, Priscila Duarte; FERREIRA, Laura Angélica Ferreira. Funcionamento de um sistema de criação bovino a partir do processo de elaboração da produção em São Domingos do Araguaia – PA. **Agroecossistemas**, v. 6, n. 1, p. 58-65, 2014.

McCORKLE, Costance. An introduction to ethnoveterinary research and development. **Journal of Ethnobiology**, v. 6, n. 1, p. 129-149. 1986.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (org.). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 28.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016. 95p.

MONTEIRO, Maria Vivina Barros; **Estudo etnoveterinário de plantas medicinais com atividade antihelmíntica**. 114f. Tese (Doutorado em Ciências Veterinárias). Faculdade de Veterinária, Universidade Estadual do Ceará - UECE. Fortaleza, 2010.

MONTEIRO, Maria Vivina Barros; BEVILAQUA, Claudia Maria Leal; CAMURÇA-VASCONCELOS, Ana Lourdes Fernandes. Metodologia aplicada a levantamentos etnoveterinários. **Veterinária em Foco**, v.9, n.1, p.76-87, 2011.

OLIVEIRA, Hersília Cadengue de; ALMEIDA, Mariomar. Relações de gênero e poder no Assentamento Rural Arariba da Pedra – Cabo de Santo Agostinho – Pernambuco. In: SCOTT, Parry; CORDEIRO, Rosineide; MENEZES, Marilda (Orgs.). **Gênero e Geração em Contextos Rurais**. Santa Catarina: Editora Mulheres, 2010. p.255-277.

PAIXÃO, Rita Leal. **A pecuária bovina no Assentamento Rural de São José da Boa Morte (Cachoeiras de Macacu – RJ)**. 2000. 137f. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-graduação em Ciência Ambiental), Universidade Federal Fluminense, Instituto de Geociências, Niterói – RJ, 2000.

RIBEIRO, Claudio Marques. **Estudo do modo de vida dos pecuaristas familiares da Região da Campanha do Rio Grande do Sul**. 2009. 300f. Tese de Doutorado (Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Rural), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas, Porto Alegre – RS, 2009.

RIBEIRO, Lorena Côrte. **Caracterização da produção animal dos projetos de assentamentos: Cachoeira da União, Horizonte II, Iririzinho e São Cristóvão –MT**. 2016. 31f. Relatório Final de Estágio Supervisionado Obrigatório (Graduação em

Um diálogo entre a Etnoveterinária e a Agroecologia: análise da relação de camponeses(as) com a criação de bovinos em assentamentos rurais no estado de Pernambuco

Gestão do Agronegócio), Universidade de Brasília, Campus Planaltina, Planaltina – DF, 2016.

THURSHFIELD, Michael. **Epidemiologia Veterinária**. São Paulo: Roca, 2004. 556p.
TOLEDO, Víctor; BARRERA-BASSOLS, Narciso. **A memória biocultural: a importância ecológica das sabedorias tradicionais**. São Paulo: Expressão Popular, 2015. 272p.

TORRES, Iraildes Caldas; RODRIGUES, Luana Mesquita. O trabalho das mulheres no sistema produtivo da várzea amazônica. In: SCOTT, Parry; CORDEIRO, Rosineide;

MENEZES, Marilda (Orgs.). **Gênero e Geração em Contextos Rurais**. Santa Catarina: Editora Mulheres, 2010. p.235-254.

TOSETTO, Estevão Marcondes; CARDOSO, Irene Maria; FURTADO, Silvia Dantas Costa. A importância dos animais nas propriedades familiares rurais agroecológicas. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v.8, n.3, p.12-25, 2013.

VERDEJO, Miguel Expósito. **Diagnóstico Rural Participativo: guia prático DRP**. Revisão e adequação de Décio Cotrim e Ladjane Ramos, Brasília: MDA/Secretária de Agricultura Familiar, 2007. 62p.